

Sintoma e estilo

Cristina Vidigal

Escola Brasileira de Psicanálise
Associação Mundial de Psicanálise

Trabalhar com o sintoma em análise é trabalhar com o mal-estar do sujeito, mas também com a dimensão do que faz identidade e não só diferença. Trata-se, então, na psicanálise, de tomar o sintoma como um conceito muito mais amplo do que poderia circunscrever o aspecto patológico que normalmente nos vem à mente quando nos referimos a ele.

Podemos elaborar o sintoma em psicanálise, num primeiro momento, como aquilo que é capaz de ser interpretado. Essa é a posição de Freud quando dá ao sintoma a mesma estrutura de linguagem dos sonhos, dos chistes e dos atos falhos. Lacan esclarecerá que interpretar não é acrescentar ou encontrar um sentido, mas sim restabelecer um significante, uma palavra, que permita uma nova articulação no campo subjetivo.

Num segundo momento, Lacan vai nos oferecer uma nova compreensão do sintoma que irá diferenciá-lo do subjetivo e das formações do inconsciente. Uma das últimas indicações de Lacan sobre o sintoma pode ser encontrada no seminário RSI de 21 de janeiro de 1975: “O que é dizer o sintoma? É a função do sintoma, função a se entender como o faria a formulação matemática: $f(x)$. O que é esse ‘x’? É o que, do Inconsciente, pode se traduzir por uma letra, na medida em que apenas, na letra, a identidade de si está isolada de qualquer qualidade”.¹

O sintoma é uma função que opera selvagememente, incessantemente no sujeito a inscrição de um si para si. Jacques-Alain Miller, em seu seminário *Los signos del goce*, nos esclarece que o significante, por estar articulado ao campo do saber, que é profundamente diferencial, é incapaz de um princípio

¹ LACAN, [s. n. t.]. Tradução minha.

de identidade. A letra, por outro lado, se caracteriza por responder à identidade consigo mesma e por não estar afetada pelos efeitos do sentido.²

Se, num primeiro momento, o Outro parece ser a causa, e mesmo se o sujeito o acusa de seu mal-estar, o funcionamento do sintoma faz com que o sujeito se engaje numa crença de que o que está em jogo é algo de muito próprio. Assim, o sintoma, ainda que possa causar um estranhamento, é algo difícil até mesmo de ser interrogado, algo a que um sujeito pode se aferrar e do qual não é tão simples abrir mão.

É claro que o deciframento pode ser um caminho, mas isso só tem um bom uso em análise se percebemos que o sintoma faz aí um percurso. Percurso que começa com uma demanda dirigida a um analista, passa pelo caminho da análise com seus operadores e termina com o abandono do analista: sua dessuposição.

Uma análise coloca ao sintoma, à letra, o teste do endereçamento.

Cabe agora introduzir a questão do estilo. Para Lacan a questão do estilo traz também a questão da identidade. Ele nos dirá, na introdução de seus *Escritos*: “O estilo é o homem”. Entretanto, não podemos dizer que se trata aqui da produção de uma identidade de si para si, pois Lacan complementa: “O estilo é o homem a quem nos endereçamos.”³ O endereçamento é, assim, inerente ao estilo.

Talvez pudéssemos pensar que o estilo é o sintoma que passou pelo teste do endereçamento e que um dos caminhos possíveis de uma análise poderia ser aquele que vai do sintoma ao estilo.

Um dos desafios da psicanálise na contemporaneidade é de poder tornar-se um espaço de endereçamento, de ser um interlocutor de seu tempo. Como o meu campo de trabalho é a clínica, pensei em trazer aqui alguns pontos do tratamento de uma criança que fez um percurso interessante.

Como a maioria das crianças, A. vem fazer uma análise porque alguém indicou e não porque ele fez uma demanda de interrogar seu sintoma junto a um analista. Ele é quieto e indiferente. Mas preocupa muito sua mãe na medida em que, mesmo sem ter conhecido seu pai, tem comportamentos que fazem com que ela tema que ele encontre o mesmo destino. Seu pai carrega o peso da tragédia da qual a família nunca fala. A. tem um único amigo e, como seu pai, desenha muito ou assiste à TV o dia todo deitado em um

² MILLER, 1998, p. 327.

³ LACAN, 1998, p. 9.

sofá. Algo da ordem do “tanto faz” ou “nada realmente interessa” o caracteriza.

Sabemos que, atualmente, alguns analistas consideram esse fenômeno da indiferença como particularmente contemporâneo não só devido à pulverização dos objetos, mas como um índice da dificuldade de dirigir-se ao Outro, de promover uma suposição de saber.

A. não se relaciona com outras crianças na escola nem participa de suas atividades, embora já saiba ler e escrever. Uma vez surpreende sua mãe ao tomar a iniciativa de escrever para a Embaixada do México, pedindo informações sobre esse país. Um pacote, com todo tipo de brochuras e artigos sobre a cultura mexicana, chega a sua casa e ele os reúne em uma pasta, sem poder ler, porque tudo está escrito em espanhol.

Na sua primeira entrevista comigo, diz sucintamente, do alto de seus seis anos, o que já decidira sobre seu destino: quando crescer vai ser padre e morar com seu único amigo, P. Dito isso, nada mais tem a declarar, não tem o que falar e, como sabe desenhar, ele desenha.

Ele desenha muito, muito mesmo... E tenta me entediar. Por exemplo, desenha naves espaciais. Mas naves espaciais com todos, todos os botõezinhos... O espaço, com todos os planetinhas... E estrelas... E cometas... E asteróides... E poeira estelar... E eu, que sempre interroguei a “neutralidade analítica”, resolvo tentar mudar de assunto: “E o México? Por que o México?”

Ele dá de ombros. Um colega escolhera os EUA, e ele, o México. Só isso. Não há o que falar, ele desenha, prefere desenhar. Vocês já perceberam que essa análise parece não ir muito bem. Ele entedia-se, eu também, além de ficar preocupada quando a mãe vem me dizer que resolvera contratar para ele um professor de espanhol.

Então, num dia em que ele entra na sala já entediado (nem esperou desenhar), eu dou uma de John Wayne num desses filmes de cowboy que se passam na fronteira entre os EUA e o México. Bato alto na mesa e pergunto, com a voz grave, em espanhol: “Entonces, que passa hombre?” Ele se surpreende e sorri: “Uai, você sabe falar espanhol?” Esse é um primeiro momento em que uma demanda é dirigida ao analista, em que algo do sintoma, passível de um endereçamento, encontra sua chance.

A partir daí, ele toma a palavra e pede que eu traduza em voz alta alguns artigos de sua coleção sobre o México... Eu demonstro meu interesse pelo que tem a dizer. Ele acaba me confessando sua maior preocupação. Primeiro me pergunta se eu sabia que a Califórnia já pertencera ao México... (e eu: “Si, como non...”). Ele me pergunta se eu me lembro de um terremoto

que atingira o México há vários meses atrás, recorda a tragédia que foi... Como o mundo inteiro se comoveu e enviou ajuda...

Enfim, sua maior preocupação é a existência de um acidente geográfico que preocupa também cientistas do mundo inteiro e que se localiza na Califórnia. Pois, como todo mundo sabe, se um terremoto atingir esse ponto, pode haver um problema: separação ou afundamento. Ele suspira e me diz que o mais importante de tudo é que o nome desse acidente geográfico permaneceu em espanhol mesmo depois que a Califórnia foi vendida para os EUA: “Sabe, Cristina, esse acidente se chama ainda hoje *A falha de A.*” Ele mesmo interpretará em seguida, algo surpreendido: “E A. é meu nome em espanhol!”.

Vemos que o endereçamento ao analista não nos leva, nesse momento, a um deciframento do sintoma, mas a um acontecimento: a descoberta de seu nome próprio em um lugar que, embora fosse muito investido, lhe era absolutamente estranho. Não há aí nenhuma explosão de sentido nem o analista investe numa longa análise das significações de falha e falta do sujeito.

Mas o resultado surpreendente foi que tocar nesse ponto junto a um analista trouxe para o sujeito uma mudança de posição, permitindo que ele se abra para novos interesses, novos amigos e novas possibilidades em sua vida. Ele segue sua análise produzindo outras questões e saídas.

O momento de concluir dessa análise, aquele em que ele destituiu o analista, (preferindo brincar com os primos que detestam psicólogos), me parece interessante para que eu possa me perguntar sobre seu sintoma. Será que ele teria feito com seu sintoma, aquele que mais preocupava sua mãe, que a deixava apreensiva em relação a ele, algo que, enlaçando o outro, nos introduz na dimensão de uma produção poética? Penso aqui no campo de exclusão do outro a que o hábito de desenhar ou assistir à TV o dia inteiro o condenava.

Ele vem, um dia, me descrever em palavras esse livro que ilustrara e escrevera. Está muito animado porque a sua escola vai “publicá-lo”. Vai me relatando, uma a uma, cenas absolutamente desvinculadas que compõem o livro e que ocupam, cada uma, uma página fazendo uma série longa e sem sentido. Seguindo o modelo dos livros infantis, a ilustração cobre a página, e uma ou duas frases embaixo do desenho falam de algo do que se passa ali. (Como não vi o livro e não tenho anotações precisas, vou exemplificar o tipo de coisa que eu ouvi). Ele descreve tudo muito animado. Por exemplo: dois homens sentados frente a frente, de perfil, separados por uma mesa

pequena, e a frase: “Guerra, luta, cabeça a cabeça, peão contra peão. Em outra página, uma mão segurando uma xícara vermelha, e a frase: “Três corações. É bom demais...” Na outra, algo com animais. Na seguinte, um gol e uma bola, e a frase, por exemplo: “A marca do seu tempo!”

Esse sem sentido é endereçado ao leitor e produz um incômodo, pois ficamos em suspense até a última página, que conclui com apenas um ponto no centro e uma frase escrita: “Ele levanta do sofá e aperta um botão. Isso foi televisão.”

Referências Bibliográficas

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *Seminário RSI (1974-1975)*. Inédito.

MILLER, Jacques-Alain. *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

Resumo

A partir do relato de um fragmento da análise uma criança de seis anos, este texto visa associar sintoma e estilo.

Résumé

A partir du récit d'un fragment de l'analyse d'un enfant âgé de six ans, ce texte cherche à associer symptôme et style.